

SOBRE O POLÍTICO*

— O que autoriza o senhor a tratar do fato político?

— Um saber.

— E de que ordem é este saber? Ciência, crença, referência a autoridades, tais como Freud e Lacan no seu caso...

— É da ordem dos saberes que se adquirem pelo exercício de uma prática, a psicanálise no caso.

— Mas esta prática tem como limite o espaço do consultório: como justificar o salto que constitui a aplicação deste saber ao campo diferentemente vasto e complexo do político?

— O real que ordena estes espaços é idêntico: é o mesmo impossível que rege o funcionamento psíquico e o jogo social.

— Nada mais que isto e vamos em frente! O senhor pode demonstrá-lo?

— O mais estranho é que tenha que fazê-lo: debater com a concepção cristã que heterogeniza alma e mundo. O diabolismo da histórica é ter mostrado que o que lhe dá uma aparência de alma, seu inconsciente, não é nada mais que o avesso do discurso que a pretende mulher, obrigando-a, para parecer humana, a fazer como se ela tivesse uma profundidade, uma resistência, uma referência terceira. Em 1920, a segunda tópica freudiana amarra a individuação

*Publicado em *L'Éclat du jour* n° 6, Setembro de 1987. Ed. J.Clims, (N.R.).

PSICANALISE E LAÇO SOCIAL

das instâncias intrapsíquicas — Isso, Eu, Supereu — com a *Massenpsychologie*. Para Lacan, é desde seu ponto de partida que o Eu [Moi] e o eu [Je] são organizados por situações sociais.

— O senhor glosa o adágio aristotélico: o homem é um animal político.

— Não somente. O falasser teria menos a paixão de estar colado a seus semelhantes se a relação com aquela que lhe é outra fosse efetúvel. É o impossível da relação sexual¹ que gera a multiplicação louca das relações sociais, o intercâmbio, generalizado agora ao planeta. O semelhante cativa pela mais-valia que ele recebe e que se revela própria, nele, para ser extraída, acumulada. Mas o capitalista se acha tão impotente quanto antes para realizar a relação sexual, fracasso duplicado agora pelo conflito social e pelo desequilíbrio constitutivo da economia de mercado.

— Em suma, o senhor recoloca, por analogia, o impossível da relação sexual sobre a relação social?

— Não precisamente, porque a relação social, por sua vez, é inscritível e para funcionar dispensa sacramento e até mesmo contrato. Outra prova: uma erótica que tenta fazer a mulher existir² imaginando-lhe um estatuto de escrava. Mas, o fato de que isto seja efetúvel e, a este título, bem sucedido, não impede a relação social de ser conflitual e sem saída.

— Sem saída?

¹A impossibilidade da relação sexual não significa a ausência de ato sexual. Esta impossibilidade é de ordem lógica: para o sujeito falante, cujo desejo é estruturado pelos significantes, não existem homem e mulher senão pela linguagem. Isto define, como o verifica a clínica, posições femininas e masculinas diferentes daquelas do macho e da fêmea que se cooptam naturalmente, mesmo se homem e mulher empregam vias biológicas para a reprodução. Isto significa que não há relação sexual no senso estrito, ou ainda, que ela não é inscritível na linguagem como relação. Os mal-entendidos do casal fornecem provas suficientes desta dificuldade (N. do A.).

² A mulher ou a Mulher, já que é uma ficção da linguagem. Pode-se imaginar então, para ela, um estatuto de escrava. O estatuto é efetúvel ou o foi por muito tempo, seja na figura da prostituta, seja na da “rainha do lar” (N. do A.).

SOBRE O POLÍTICO

— Lacan dizia que, com a revelação do mecanismo da exploração social, Marx tinha principalmente fornecido ao capitalismo a receita da sua longevidade. O que é que o proletariado pode exigir de melhor, agora, do que administrar a acumulação da mais-valia que ele mesmo terá fornecido? Ele gozará ao mesmo tempo por produzi-la e por dispor dela; estamos aí também com o capitalismo popular, outro modo de se fazer seu próprio escravo. O que lhe resta oculto é que, quanto mais é bem sucedida, mais a acumulação barra o acesso à mulher, cava sua inexistência. Tratou-se como segredo de Estado o fato de que, apesar de tudo, o próprio Marx tenha privilegiado com seus favores a escrava da família, muito mais que sua bela condessa prussiana, cheia de boa vontade, porém serva. Ao mesmo tempo, esse modo de morder a própria cauda faz esquecer que as posições, por sua vez — as do senhor e do escravo — permanecem imutáveis, senão mais virulentas. O ideal do poder político torna-se o de fazê-las interiorizar-se³.

— Se seu saber provém de uma prática, o que o Senhor pretende praticar no campo do político?

— O laço social é tecido por discursos, estes mesmos que incitam a paliar, através dele, a falta da relação sexual, e que Lacan chamou discursos do mestre, universitário, da histérica. Ter uma prática política sempre consistiu em favorecer a circulação dos discursos existentes pela promessa de um gozo que seria melhor garantido. Mesmo recentemente, ouvimos homens políticos de lados bem diferentes (Srs. Fabius, Longuet, Le Pen...) adiantar que o essencial de sua ação era permitir sonhar: textualmente. O discurso psicanalítico vai na contramão, tentando antes despertar, mesmo que seja apenas porque o gozo prometido não pode senão pôr a náusea na ponta dos lábios.

— Então, é a anarquia?

— Esta é um outro sonho, enquanto que, para nós, é de estrutura que se trata. Os discursos são um efeito dela, assim como

³ Isto é, fazer com que os sujeitos, que são também membros da sociedade civil, creiam-se obrigados a pertencer em pensamento à casta dos escravos ou à dos mestres, as quais não são senão efeito de significante (N. do A.).

PSICANALISE E LAÇO SOCIAL

o discurso analítico; mas é ele que o diz, denunciando a aparência, da relação sexual por exemplo. Nada de anarquia, portanto, mas também nada de totalitarismo, que é apenas um modo débil de tentar paliar a falta.

— O senhor não muda nada, então?

— Não se trata, com o discurso psicanalítico, de um retorno aos discursos existentes, mas de fazer um giro a mais, que isole o objeto que os causa, causa nosso desejo, nos faz polemizar*. O que faz poder político no falasser encontra-se prontamente esclarecido, por isto, mesmo que o príncipe continue, por não sê-lo, a ignorar que é a este objeto que ele deve seu cetro.

— O senhor não hesita diante *Da* política; por que não se contentar com seu conceito: *O* político?

— O conceito nunca é senão uma interpretação do sintoma, antes infeliz, seguramente, neste caso, pois ela só pôde agravá-lo quando foi tomada como princípio de uma ação própria para remediar isto. Preferimos partir do fato político, do sintoma tal qual se manifesta, e tentar não produzir uma teoria, mas tornar sensível a evidência simples de sua produção, ressuscitar esta sensibilidade perdida ou proibida: isto parece vagamente platônico, mas não o é.

— Como sua tentativa é recebida?

— A psicanálise é tanto melhor recebida quanto mais faz a prova de sua ineficiência e permanece um simples modo de gozar do seu inconsciente, como as toxicomanias, mas sem ter maior importância. Ao garantir esse gozo, ela se põe já ao serviço dos discursos constituídos. Com suas sessões curtas, Lacan dizia: não se paralisem nesse gozo preguiçoso que vocês têm em estoque, trabalhem. Uma vez frisado isto, desarrumar os discursos constituídos equivale a pôr em causa nossa representação da gravitação universal: os precedentes não são encorajadores.

— Então, por que esse militantismo?

**Causar*, no original (N. da T.).



SOBRE O POLÍTICO

— Quando lhe faziam esta mesma pergunta, Lacan respondia: por masoquismo. É verdade que, se levada a seu termo, a exploração de um domínio culmina obrigatoriamente aí, isto é, no buraco que prepara o simbólico, quando não o tampa pela representação, própria ao gozo, do objeto. Se Freud tinha a fobia dos trens, era sem dúvida por temor de ser tragado...